

Uma coisa precisa ficar bem clara, quando se pôr para pensar na realidade vivida, hoje em dia, neste nosso país: por mais inquietante que seja o atual período, não se pode, sob qualquer pretexto ou desculpa, pensar num retorno ao estágio anterior à decretação do Plano de Estabilização Económica. O enfrentamento das dificuldades vividas pelo conjunto de nossa sociedade — e elas não são poucas — não deve jamais abrir brechas para saudosismos em relação aquela época, em que imperava a cruel ditadura da correção monetária.

É evidente que estamos diante de desafios portentosos, notadamente no setor de abastecimento, com a falta de carne e de diversos outros produtos, o que deixa muita gente sobressaltada. O nosso sobressalto, no entanto, deve exprimir a constatação de que, pela primeira vez, nos últimos tempos, há uma política social em andamento.

A população está tendo mais recursos para investir na própria sobrevivência — e tudo o que fizer, daqui para a frente, deve ter o objetivo de consolidar o compromisso social que desapontou com o governo do presidente José Sarney. Mesmo porque, se está faltando produtos em muitas mesas como resultado da escassez provocada por uma demanda exacerbada em alguns centros, para muitos brasileiros, dos rincões mais afastados e dos extratos sociais marginalizados, ela se constitui, ainda, mais numa hipótese do que em realidade palpável e palatável.

O Plano Cruzado, para usar uma

O desafio do pacto social

CLIMÉRIO VELLOSO

palavra da moda fácil de hoje em dia, pode ser definido como "instigante".

Agora não se trata apenas de administrar nossos negócios visando otimizar receitas, mas, mais do que isso, a questão pungente que desafia todos os brasileiros conscientes é a de estabelecer neste Brasil que já é a oitava economia do mundo, porém ainda luta para ser moderno, estruturas sociais que atendam à expectativa angustiante de estabilização social e, consequentemente, política. Mesmo porque a modernidade depende da solução deste impasse.

O Brasil agora deve dar para todo mundo e não mais apenas para uns poucos espertalhões, hábeis em jogar na ciranda financeira ou escorregadios o suficiente para sempre se situar do "lado certo" no jogo do poder palaciano.

Quando temos que falar da falta de gêneros alimentícios que, além de vitimar o povo, ameaça também a manutenção dos nossos negócios, que se articulam principalmente em torno de uma rede de supermercados, que tem estado com suas prateleiras muito prejudicadas pelos sucessivos boicotes — costumamos caracterizar esse fato com uma dificuldade setorial. Uma dificuldade em meio a um conjunto de outras que precisam ser resolvidas, para que se possa fazer desse nosso país um mercado bem articulado, organizado com participantes bem situados — e sem ninguém abastardado, vivendo das migalhas que venham porventura a cair das mesas ricas para a cuia da sua miséria.

Como empresários, sentimos que a nossa responsabilidade de homens produtivos é somar esforços para que as condições de diálogo entre os diferentes setores se estabeleça definitivamente e possamos jamais recuar no rastro dos amantes do caos, sempre interessados em ver o circo (e o nosso país com ele) pegar fogo. A vontade de acertar dos empresários e de todos nós, brasileiros, pode nos capacitar a driblar esses seres catastróficos de uma vez por todas, desde que tenhamos bem clara em nossas cabeças a estratégia que guiará nossas ações.

Nesse período pré-eleitoral e pré-constituinte, é com certa preocupação que constatamos o esvaziamento da discussão que julgamos tão premente em torno dessas questões e, de uma forma mais geral, em torno de um pacto social que, garantindo o atual período de transição, possa avalizar de vez a definitiva democratização brasileira.

Identificados com a proposta levantada inicialmente pelo próprio presidente Sarney, o que nós perguntamos é se não estaremos correndo o risco de perder o trem da história, ao desconsiderarmos de forma tão ostensiva a necessidade de dar um desdobramento a ela, visando senão a perfeita harmonia, pelo menos atenuar os conflitos, para assegurar que tanto o capital quanto o trabalho possam estar juntos no propósito comum da reconstrução nacional. Já que superamos o nefasto período de privilegiamentos, perseguições e obscurisades que marcaram os governos

Economia. Brasil

militares, o que nos impede de buscar a perfeição democrática, se não essa inexplicável inércia daqueles aos quais caberia puxar o cordão?

O pacto social de que este país precisa deve abordar problemas tais como a implementação de uma efetiva reforma agrária, a revisão das leis trabalhistas, o revigoramento do poder judiciário, a revisão do código tributário, a definição de uma nova política de industrialização e de aproveitamento dos recursos naturais, como respeito básico ao meio ambiente, para citar apenas alguns dos seus muitos itens. A questão central, porém, deve ser estabelecer uma forma pela qual se supere os gritantes desniveis que persistem no nosso corpo social. Para uma economia que se ombreia com as maiores do mundo e uma população de mais de 120 milhões de brasileiros, carregamos um peso de aproximadamente 50 milhões de marginalizados, vivendo em condições as mais humilhantes e se constituindo em ameaça permanente a qualquer proposta de estabilidade.

O desafio de incorporar esses brasileiros à modernidade, de tirá-los da influência da política populista desagregadora e da tentação esquerdista subversiva, é o desafio ao qual os empresários e todos os homens conscientes deste país têm que dar uma resposta. Tudo mais é eventual, tudo mais é passageiro, enquanto esse desafio não encontrar sua resposta.

CLIMÉRIO VELLOSO, 60, é empresário, presidente do grupo CB (Casas da Bonha) e candidato a deputado federal pelo PMDB-RJ.